

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVIII
VOLUME 26
(JAN-MAR)
2017
PP. 428-444.

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELECTUAL: DIFICULDADES, PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES

Dionathas Moreno Boenavides

Mestrando em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
dionathas.boenavides@ufrgs.br

RESUMO

O presente artigo trata das dificuldades iniciais que encontra um pesquisador em formação ao se deparar pela primeira vez com a História Intelectual. Visamos demonstrar os problemas e incertezas epistemológicas dessa área da História e propor saídas possíveis para historiadores iniciantes. O texto também pretende se posicionar quanto a questões referentes à relação Texto/Contexto, afirmando a necessidade de se manter um equilíbrio entre eles. Ao final do artigo, defendemos uma concepção de História Intelectual que situa o objeto a ser analisado em duas linhas: vertical e horizontal (diacronia e sincronia), entendendo essa forma como a mais didática para aqueles que iniciam seus estudos na área.

Palavras-chave: História Intelectual; incertezas epistemológicas, pesquisador em formação; diacronia; sincronia.

ABSTRACT

This article deals with the initial difficulties that a researcher in training faces when confronted with the Intellectual History for the first time. We aim to demonstrate the problems and epistemological uncertainties in this field of History and propose possible solutions to historians starting in the field. The text also intends to state a position on issues regarding the relation Text /Context, stating the need to keep a balance between them. By the end of the article, we defend a conception of Intellectual History that locates the object to be analyzed in two lines: vertical and horizontal

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELECTUAL: DIFICULDADES, PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES, DIONATHAS MORENO BOENAVIDES

(diachrony and synchrony), conceiving this as the most instructive way for those who are beginning their studies in the field.

Keywords: Intellectual History; epistemological uncertainties, researcher in training; diachrony; synchrony.

Introdução

Um dos problemas que encontra um historiador em formação, ao se inserir em alguma atividade que envolva pesquisa - como bolsas de iniciação científica - é a dificuldade que tem em conseguir traçar conceitos básicos para as mais diversas modalidades historiográficas, algumas áreas mais que outras. Quando entramos em contato com as discussões acerca de determinado modo de produzir conhecimento histórico, como por exemplo, História Social, História Econômica, História Política, entre outros, por serem formas mais “tradicionais”, e, conseqüentemente, com uma maior carga de reflexão teórica e tentativa de delimitação de campo, nos deparamos com modalidades em que conceituações são mais fáceis de serem apreendidas. Isso não significa, entretanto, que não encontremos problemas iniciais de delimitação.

Afirmamos, todavia, que essa carga teórica já desenvolvida facilita a compreensão por parte daquele que inicia suas atividades de pesquisa. Não pretendemos defender, com essas frases iniciais, que as áreas às quais nos referimos sejam campos estáticos, que não sejam alvos de discussões constantes e reformulações¹. O que afirmamos é que se o historiador em formação buscar algum teórico que delimite aquela forma de produção de conhecimento, provavelmente encontrará.

Essa situação se altera drasticamente quando o que buscamos é entender o funcionamento de outras modalidades, mais atuais talvez. Exemplificando: o historiador em formação gostaria de se inserir em um grupo de pesquisa de determinado professor e, ao ler o projeto, percebe que o que norteia a análise dessa pesquisa é uma vinculação muito forte à Antropologia histórica. O estudante, até aquele momento, não

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELECTUAL: DIFICULDADES, PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES, DIONATHAS MORENO BOENAVIDES

havia conseguido se apropriar de um bom conceito de História, e juntamente a isso aparece a Antropologia. Seguindo: o estudante, ao se interessar por algum assunto, lê que o que mais está sendo utilizado para estudá-lo são as ferramentas oferecidas pela Nova História Cultural. O graduando não tinha conhecimento da existência da Velha História Cultural, mas terá que empenhar-se para tentar compreender a Nova. Não é um trabalho fácil. Ainda mais se levarmos em conta as divergências entre os mais variados autores com os quais o estudante entrará em contato.

O presente texto é, portanto, um exercício que tem como objeto de reflexão o fazer historiográfico e a pesquisa em História. É resultado do olhar de um pesquisador em fase inicial de formação que centra seus estudos, mais especificamente, nas produções intelectuais de homens de saber que viveram no período que denominamos medieval; mais exatamente entre os séculos XIII e XIV europeus. É certo que, ao refletir sobre a História Intelectual, imaginamos como objeto a ser estudado o nosso próprio no momento: a

concepção de martírio na *Suma Teológica*, de Tomás de Aquino. Não pretendemos, por outro lado, trazer para discussão os resultados iniciais da nossa pesquisa no que concerne ao seu objeto propriamente dito. Nosso interesse é propor algumas questões que entendemos como de grande importância para aqueles que se deparam pela primeira vez com a História Intelectual.

As incertezas epistemológicas da História Intelectual

Para os fins deste trabalho, analisaremos com um pouco mais de profundidade os “problemas” referentes à falta de um conceito e de delimitação para a chamada História Intelectual. Falamos em problemas porque é nas dificuldades encontradas que vamos nos centrar. Obviamente, a falta de conceitos fechados e de delimitações intransponíveis também pode ser vista como algo positivo; maiores possibilidades de perspectiva, liberdade narrativa, entre outros, são exemplos de argumentos que utilizam aqueles que veem com bons olhos

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELLECTUAL: DIFICULDADES, PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES, DIONATHAS MORENO BOENAVIDES

essa forma mais aberta de ver a História, forma mais “ecclética”ⁱⁱ. É inegável, entretanto, que, para aqueles que estão recém entrando em contato com esse campo, e já se deparam com tantas possibilidades, divergências e falta de consenso, tudo isso acaba se tornando um tanto assustador, fazendo parecer que o entendimento daquele campo vai ficando mais impossibilitado quanto mais se estuda. Sobre isso, Carlos Altamirano diz que

A História intelectual, como se sabe, é praticada de muitas maneiras e não possui em seu âmbito uma linguagem teórica ou modos de proceder que funcionem como modelos obrigatórios nem para analisar, nem para interpretar seus objetos – nem tampouco para definir, sem referência a uma problemática, a quais objetos conceder primazia. Desse ponto de vista, o quadro não é muito diferente do que se observa hoje no conjunto da prática historiográfica [...].ⁱⁱⁱ

Acreditamos que essa passagem resume satisfatoriamente o que denominamos, acima, de incertezas epistemológicas. A pluralidade de formas de prática, a ausência de “linguagem teórica”, são alguns dos fatores que,

na nossa perspectiva, tornam mais difíceis os primeiros contatos com a História Intelectual.

Mariano A. Di Pasquale, por sua vez, situará essa dificuldade da História Intelectual como consequência de um fenômeno positivo: o crescente desenvolvimento dessa metodologia dentro do campo historiográfico. É nesse sentido que afirma em um interessante artigo, que nos últimos vinte anos,

... la historia intelectual experimentó un desarrollo creciente y dinámico en el campo historiográfico. Esta productividad de estudios generó una serie de transformaciones de las categorías teóricas existentes y una pluralidad de criterios metodológicos. Tal es así, que cada historiografía nacional diseñó su propia conceptualización y, en cada una de ellas, se fueron articulando distintas nociones explicativas, apenas diferenciables unas de otras, que como -explica Roger Chartier- entraron en una competencia académica por imponerse una sobre otra.^{iv}

Essa interessante perspectiva de Di Pasquale situa os problemas na tentativa de conceituar o campo que analisamos como resultante desse relativamente rápido crescimento de

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELLECTUAL: DIFICULDADES, PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES, DIONATHAS MORENO BOENAVIDES

estudos na área. Como consequência do crescimento, haveriam ocorrido transformações internas na História Intelectual, o que acabaria por causar as dificuldades que afirmamos encontrar.

Soma-se a essa dificuldade conceitual o fato de vermos muitas vezes um mesmo autor, em uma mesma tentativa de explicar o significado dessa modalidade, ser tão abrangente que as nossas dificuldades não são totalmente sanadas, por mais que nos ofereçam muitas ideias. Isso acontece, nos parece, ao estudarmos a concepção de História Intelectual proposta por Robert Darnton, por exemplo. Em *O beijo de Lamourette*, o autor designa uma parte da obra para falar sobre essa metodologia. Ou essas metodologias. O que nos salta aos olhos em um primeiro momento é perceber que, se nos perguntarem o que é História Intelectual, devemos devolver essa pergunta com outra: na França, nos Estados Unidos, ou em qual outro lugar? As formas de utilizar a História Intelectual, além de não possuírem homogeneidade, também variam geograficamente, ao que parece^v. Roger Chartier demonstra bem essa dificuldade do vocabulário, mostrando

como ele varia em alguns países. Assim, por exemplo, nos Estados Unidos, existem dois termos (ambos imprecisos) para designar mais ou menos a História Intelectual que conhecemos: *Intellectual History* e *History of Ideas*. Na Europa, entretanto, esses termos não fizeram muito sucesso. Na Alemanha fala-se muito mais em *Geistesgeschichte*; na Itália, raramente lê-se *storia intellettuale*, sendo mais recorrente a utilização de *storia della filosofia*; e na França, dominantes são os termos forjados pelos historiadores dos *Annales*, como História das mentalidades, história sociocultural, psicologia histórica^{vi}, entre outros, por mais que muitos recebam fortes críticas até hoje.^{vii}

Voltando para as imprecisões que vão além do vocabulário, Darnton ainda afirma que dentro da História Intelectual podemos encontrar quatro categorias principais. Ao refletir sobre a falta de problemáticas características e a existência das categorias referidas, Darnton escreve:

Ela [a História Intelectual] não tem nenhuma *problématique* norteadora. Seus praticantes não compartilham nenhum

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELECTUAL: DIFICULDADES, PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES, DIONATHAS MORENO BOENAVIDES

sentimento de terem temas, métodos e estratégias conceituais em comum. Num dos extremos, eles analisam os sistemas dos filósofos; no outro, examinam os rituais dos iletrados. Mas suas perspectivas podem ser classificadas de “cima” para “baixo”, e poderíamos imaginar um espectro vertical onde os temas se transformam gradualmente entre si, passando por quatro categorias principais: a história das ideias (o estudo do pensamento sistemático, geralmente em tratados filosóficos), a história intelectual propriamente dita (o estudo do pensamento informal, os climas de opinião e os movimentos literários), a história social das ideias (o estudo das ideologias e da difusão das ideias) e a história cultural (o estudo da cultura no sentido antropológico, incluindo concepções de mundo e *mentalités* coletivas).^{viii}

Não podemos dizer que a separação nas categorias propostas pelo autor seja consenso no meio acadêmico. Quase nada o é. Os próprios conceitos por ele utilizados podem variar de um país para outro, como ele próprio deixa claro. Assim, por exemplo, o que ele chama de “história das ideias”, em outro país pode ser utilizado como o que ele denomina “história intelectual propriamente dita”. Entretanto, essa separação mostra-se bastante didática, o que é positivo para uma primeira caracterização, por mais que muita coisa possa ser problematizada posteriormente.

O recurso ao exemplo como sintoma de uma dificuldade conceitual

Muitas vezes, quando lemos textos que tentam explicar as novas tendências no estudo histórico, tratando da vinculação com outras áreas do conhecimento (como a Antropologia e a Linguística), ou mesmo o que é chamado de Nova História ou Nova História Cultural, percebemos a aparente necessidade dos autores se utilizarem de exemplos - às vezes muitos - de obras consideradas símbolos daquela metodologia que querem explicar. Consideramos essa necessidade um sintoma da dificuldade de definir com conceitos próprios essas áreas. Esses exemplos tornam-se interessantes por fazer com que entremos em contato com obras que talvez de outra forma não entrássemos; mas tornam-se também empecilhos para quem porventura não tenha como estudar todos aqueles exemplos e para quem seria mais produtiva uma conceituação propriamente dita. Podemos citar alguns autores que usam essa

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELECTUAL: DIFICULDADES,
PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES, DIONATHAS MORENO BOENAVIDES

forma de demonstração através de exemplos. Clifford Geertz, em um excelente capítulo intitulado “A situação atual”, no seu livro *Nova luz sobre a antropologia*, discorre sobre as novas relações que estão surgindo entre a ciência histórica e a antropológica. Para demonstrar seu ponto de vista, tem de fazer referência às obras de Gananath Obeyesekere, Marshall Sahlins, Rhys Isaac, Inga Clendinnen, entre alguns outros, para tratar tanto das novas perspectivas da Antropologia quanto da Antropologia histórica^{ix}. Importante ressaltar que esse autor é um dos responsáveis pelas importantes interações entre os dois campos hoje em dia e como é recomendável a leitura desse texto para quem deseja se inteirar sobre o assunto.

Elevando a necessidade de exemplos a um expoente bem maior, podemos nos referir à obra *O que é História Cultural?*, de Peter Burke. Nesse pequeno livro, o autor pretende sintetizar os diversos campos da História Cultural e apresentá-los de forma simplificada ao leitor. Recorre propositalmente a muitos exemplos para servir ao mesmo tempo de explicação das novas tendências e manual de

consulta sobre aquilo que foi produzido de mais interessante. Nos serviu mais como manual de consulta de produções das variadas áreas da História. Como explicação trata-se de um texto superficial, que tende a englobar tudo que for possível (e o que não for) como propriedade do campo defendido pelo autor, que leciona a cadeira de História Cultural na Universidade de Cambridge. Enfim, passa a impressão que se trata mais de uma justificação de importância da sua área para o âmbito institucional do que realmente algo que objetiva inserir o leitor no universo da História Cultural^x.

Outros textos, entretanto, são interessantes não exatamente por teorizar sobre o fazer da História Intelectual, ou sobre as relações da História com a Antropologia, Linguística ou Sociologia. Esses textos mostram-se importantes por possibilitar que o leitor de certa forma veja determinada relação da História com outras áreas, assim como a História Intelectual, sendo postas em prática. Dentre os inúmeros exemplos passíveis de serem evocados, chamamos a atenção para um capítulo da obra *Relações de Força: História,*

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELECTUAL: DIFICULDADES, PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES, DIONATHAS MORENO BOENAVIDES

retórica, prova, do historiador italiano Carlo Ginzburg^{xi}. No terceiro capítulo, nomeado “As vozes do outro: uma revolta indígena nas ilhas Marianas”^{xii}, Ginzburg analisa uma passagem de um livro sobre as ilhas Marianas publicado no ano de 1700. Para tanto, o autor lança mão da Antropologia histórica para analisar, além da revolta indígena à qual o livro faz referência, o próprio autor do livro, o jesuíta francês Charles Le Gobien. Acontece que ao analisar o autor, Ginzburg faz um exercício de História Intelectual, vendo as relações que poderiam ser estabelecidas entre a forma de escrever do francês, o fato de pertencer à ordem jesuítica, e a possível influência dos escritos de Montaigne e Salústio. Durante essa análise, portanto, Ginzburg situa a produção da obra em seu contexto, além de em duas importantes linhas de análise às quais nos referiremos adiante: a vertical com Salústio e a horizontal com Montaigne. Ver esse raciocínio em prática é de grande ajuda para quem está acostumado a somente ler sobre a sua teoria.

Um posicionamento necessário: a relação texto/contexto

Mesmo sem conseguir se apropriar de uma definição satisfatória do que é trabalhar com a História Intelectual, o pesquisador em formação, ao optar por essa área, tem que se posicionar, obrigatoriamente, em relação a algumas questões. Pensamos nesse momento, mais especificamente, nas relações e possibilidades de perspectivas sobre a forma como o objeto estudado é visto em relação ao contexto no qual foi produzido, não importando se se trata de um livro, uma pintura, uma escultura, uma iluminura etc. Acontece que pensar essa relação é inevitável, e a conclusão a que se chega diz muito sobre a concepção de história adotada pelo pesquisador naquele momento. Quando optamos pela História Intelectual, assumimos que queremos analisar manifestações do intelecto de uma ou mais pessoas; manifestações essas que, passíveis de serem estudadas quando são acessíveis à posteridade em forma de “monumento”, o historiador, através do seu interesse e método, transforma em “documento”^{xiii}. Além disso, devemos

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELECTUAL: DIFICULDADES,
PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES, DIONATHAS MORENO BOENAVIDES

defender que essa análise contribuirá para responder a determinado problema de pesquisa que nos colocamos. Entretanto, é de grande importância pensar que o objeto que estamos estudando, além de ser uma manifestação do intelecto, é um objeto pertencente ao seu tempo, e que, se tivesse sido produzido em outro momento, provavelmente não teria chegado ao mesmo resultado.

Essa questão é mais complicada do que parece inicialmente. Por exemplo, pensemos no nosso objeto estudado no momento, conforme indicado no início do artigo: a visão de Tomás de Aquino, na *Suma Teológica*, sobre o conceito de martírio. Com base no que sabemos até agora sobre ele, seria mais correto afirmar que o que teve mais importância na sua produção foi o contexto no qual surgiu ou ele é muito mais resultado de ideias tão originais que parecem autônomas e que ultrapassam os limites do seu tempo? Ir, nessa resposta, tanto para um extremo quanto para outro, é bastante perigoso. Se defendermos unicamente uma autonomia das ideias em relação à realidade concreta, afirmando que muito mais produtivo do

que analisar o exterior da obra é fazer uma espécie de exegese da mesma, acabaremos desvinculando esse objeto da história propriamente dita, transformando-o em algo a-histórico. No caso da produção de Tomás de Aquino, para exemplificar, acabaríamos por ignorar o momento histórico do século XIII, o pertencimento de Tomás a uma ordem mendicante (dominicanos), os constantes conflitos com os chamados hereges, a vinculação institucional com a Universidade etc. Esses fatores certamente influenciaram no produto final; no nosso caso, a *Suma Teológica*. Fazer o contrário, não obstante, não resolve o problema. Assumir uma posição que afirme ser somente o contexto de produção importante na análise do que estudamos é o mesmo que dizer que a originalidade de uma boa ideia em nada influencia se a concretude da realidade não for concordante com essa ideia. E as ideias que não se enquadram ao seu tempo? São simplesmente inúteis e não influenciam em nada? Se alguma outra pessoa tivesse ocupado exatamente o mesmo espaço social de Tomás, vinculando-se aos mesmos grupos, certamente produziria uma obra idêntica à

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELECTUAL: DIFICULDADES, PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES, DIONATHAS MORENO BOENAVIDES

Suma ou a qualquer outro escrito seu? É evidente que não.

Carlos Altamariano diz que

para estabelecer o sentido intelectual dos textos (ou os sentidos, caso se prefira) não basta vinculá-los ao campo da ação ou, como se costuma dizer, a seu contexto. Associá-los ao seu “exterior”, a suas condições pragmáticas, contribui sem dúvida para sua compreensão, mas não evita o trabalho de leitura interna ou da correspondente interpretação, mesmo se os considerarmos documentos da História política e social.^{xiv}

O que Altamariano afirma no trecho supracitado é a necessidade de se tentar manter um equilíbrio entre uma análise “externa” de um texto e a análise “interna”.

Consideramos muito pertinentes as afirmações de Di Pasquale sobre as polêmicas acerca do assunto do qual tratamos no momento. Para esse historiador, o que motivou o acirramento dessa discussão foi o produtivo relacionamento entre a História intelectual e a Linguística. Relacionamento este que alguns denominam *Linguistic Turn*. É nesse sentido que o autor escreve que

Los avances del denominado Linguistic Turn han abierto in debate específico que no podemos dejar de mencionar: esta polémica centra su atención en la relación Texto/Contexto. Para algunos investigadores resulta primordial el contexto de producción en el cual se desarrolla y se nuclea el proceso de circulación de ideas. La desventaja de este esquema radica en olvidar que las ideas son por sí mismas ahistoricas y que no siempre se “ajustan” a las diferentes estructuras apócales. Para otros, en contraste, las ideas nacen de los distintos niveles de los discursos que aparecen en la circulación en los textos y, por lo tanto, otorgan prioridad al estudio del libro como artefacto cultural generador de ideas (esto es, desde su soporte material hasta los filósofemas contenidos en él). La desventaja de dicho criterio metodológico estriba en considerar a las ideas como categorías abstractas o metahistóricas, encerradas en un lenguaje propio, desprendidas de componente socio-historico. (PASQUALE, 2011, p. 90)

Para esse autor, a solução do problema, assim como para Altamariano, encontra-se no equilíbrio. Infelizmente, a palavra equilíbrio, nesse sentido, passa uma impressão de facilidade que a prática não parece confirmar. Em todo caso, a solução proposta pelo autor é a que segue:

Más allá de las discusiones planteadas por estos autores, que exceden la propuesta de este estudio, es necesario aclarar que la visión a tenerse en cuenta, desde nuestro punto de vista, puede resumirse en una complementariedad entre ambos

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELLECTUAL: DIFICULDADES, PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES, DIONATHAS MORENO BOENAVIDES

enfoques analíticos. Es decir, se puede concebir un esquema que muestre la acción de “texto en el contexto”. El estudio de una diversidad de documentos y obras nos puede dar la caracterización de los distintos lenguajes políticos utilizados y también otorgar ciertas nociones de cómo era el campo de producción. Evidentemente este juego de acción y reacción no es lineal ni homogéneo sino que se desenvuelve de una forma dinámica, laberíntica, con pliegues y repliegues.^{xv}

“Complementaridade” e “equilíbrio”. Essas parecem ser as palavras-chave para que a nossa análise da relação “texto/contexto” de determinado objeto seja de qualidade.

Para tentar compreender essa relação entre os acontecimentos do momento e o objeto estudado, muitos importantes estudiosos forjaram conceitos com a intenção de que fossem ferramentas facilitadoras da tarefa. Dessa forma, por exemplo, Lucien Febvre trabalhava com a noção de “aparelhagem mental”; Panofsky, pensando nos hábitos mentais, utilizou os conceitos de *habitus* e de “forças formadoras de hábitos”; Norbert Elias trabalhou com *prozess* e “figuração”, Lucien Goldmann lançou mão do conceito de Lukács de “visões de mundo”, entre outros.^{xvi} Todos esses

conceitos foram de grande importância para o progresso das reflexões historiográficas, mas todos também foram passíveis de duras críticas. Isso mostra que esse terreno de conceituações ainda se configura como um campo em aberto, mas com um número interessante de referências nas quais se apoiar.

Uma proposta de definição inicial para a História Intellectual

Antes de propor uma forma de ver a História Intellectual, pensamos ser interessante analisar o que ela não é. Ou melhor, o que ela já deixou de ser. Roger Chartier demonstra de forma bastante pertinente alguns pontos de ruptura determinantes entre uma História Intellectual que se pretende Nova e a sua versão mais clássica. Inicialmente, o referido autor percebe as diferenças em relação ao método utilizado por Jacob Burckhardt em *A cultura do Renascimento na Itália*^{xvii}. Segundo Chartier, Burckhardt fundamenta todo

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELECTUAL: DIFICULDADES, PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES, DIONATHAS MORENO BOENAVIDES

método do seu estudo através do que podemos chamar de “espírito da época”, ou *Zeitgeist*. Outros estudiosos posteriores afirmarão, e aqui encontramos um dos principais pontos de ruptura, que esse *Zeitgeist* não deve ser entendido exatamente como aquilo que explica determinada questão, mas sim o que deve ser explicado.^{xviii}

É nesse sentido que Chartier lista três postulados anteriormente característicos da História Intelectual com os quais rompem, e devem continuar rompendo, os praticantes atuais. Seriam esses os postulados:

1. o postulado de uma relação consciente e transparente entre as intenções dos produtores intelectuais e seus produtos;
2. a atribuição da criação intelectual (ou estética) apenas à inventividade individual, portanto, sua liberdade – ideia que funda o motivo mesmo, tão caro a uma certa história das ideias, do precursor;
3. a explicação das concordâncias determinadas entre as diferentes produções intelectuais (ou artísticas) de um tempo, seja pelo jogo dos empréstimos e das influências (outras palavras mestras da história intelectual), seja pela referência a um “espírito da época”, conjunto composto de traços filosóficos, psicológicos e estéticos.^{xix}

Esses pontos levantados por Roger Chartier são de grande importância e o pesquisador deve tê-los em mente para não correr o risco de repetir erros que há tempos já são criticados. O primeiro postulado é de valor particularmente especial para Chartier que dedicou boa parte de sua trajetória a demonstrar que produtos intelectuais não possuem um significado único e, além disso, que o sujeito que é “receptor” desse objeto inevitavelmente o dará um novo significado. Essa significação terá como base relações socioculturais diferentes das do autor, tratando-se assim também de uma produção intelectual^{xx}.

O segundo postulado é inserido por Chartier para contrapor a nova forma de ver as produções intelectuais ou artísticas como originárias de uma série de relações onde estão envolvidas tanto as ideias quanto o contexto, de uma forma anterior que credita apenas às genialidades individuais essas produções. Nessa ruptura envolvem-se tanto polêmicas sobre a relação “texto/contexto” às quais já fizemos referência, quanto questões relativas à superestimação de indivíduos

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELECTUAL: DIFICULDADES, PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES, DIONATHAS MORENO BOENAVIDES

considerados “precursores” de determinados movimentos intelectuais.

O terceiro ponto assinalado faz evidente referência às formas de análise simplistas que, quando deparadas com questões como as concordâncias entre diferentes produções em um mesmo tempo, respondem que os paralelos resultam do *Zeitgeist* ou tratam-se simplesmente de “empréstimos” ou “influências”. Esse tipo superficial de análise das relações seriam um meio de evitar um estudo mais aprofundado (e necessário) das formas de interação entre os diferentes objetos culturais. Evita-se, assim, a reflexão sobre os motivadores de interação que geraram essa concordância. Evita-se, portanto, talvez a reflexão mais importante em um trabalho de História Intelectual que compara duas ou mais produções.

Percebendo o que essa História que estudamos não é, podemos tentar delimitar alguns pontos que nos auxiliem a vislumbrar de forma mais clara o que é colocar essa vertente em prática. Um dos problemas ao qual deve dar atenção o pesquisador é o de situar o objeto estudado em seu tempo. Isso

quer dizer que devemos atentar para como esse referido objeto dialoga com os limites intelectuais do tempo em que foi produzido. É essa análise que pode nos auxiliar a traçar os limites do que seria então mais vinculado ao contexto de produção e o que poderia se configurar como característica de individualidade do produtor. O que queremos dizer é que é esse colocar a obra no seu tempo, com todas as dificuldades que isso venha a acarretar, que possibilita que encontremos a forma de manter o “equilíbrio” ou “complementaridade” que falamos anteriormente. “Colocar a obra no seu tempo” parece uma fórmula já esvaziada de significado, mas nem sempre é assim. Há autores que conseguem demonstrar formas de como fazer isso.

Há um autor em especial, apreciado por Roger Chartier, que acreditamos poder dar um norte aos estudos de pesquisadores em formação. Trata-se do estadunidense Carl Schorske. Em um premiado livro, intitulado *Fin-de-siècle Vienna: Politics and Culture* (prêmio *Pulitzer* em 1981), o

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELECTUAL: DIFICULDADES, PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES, DIONATHAS MORENO BOENAVIDES

autor faz uma colocação sucinta, didática e de grande utilidade sobre o que deve buscar o historiador. Diz ele que

The historian seeks to locate and interpret the artifact temporally in a field where two lines intersect. One line is vertical, or diachronic, by which he establishes the relation of a texto or a system of thought to previous expression in the same branch of cultural activity (paintings, politics, etc.). The other is horizontal, ou synchronic; by it he assesses the relation of the content of the intellectual object to what is appearing in other branches or aspects of a culture at the same time.

[O historiador busca situar e interpretar a obra no tempo e inscrevê-la no cruzamento de duas linhas de força: uma vertical, diacrônica, pela qual ele relaciona um texto ou um sistema de pensamento a tudo o que os precedeu em um mesmo ramo de atividade cultural (pintura, política, etc.); a outra, horizontal, sincrônica, pela qual o historiador estabelece uma relação entre o conteúdo do objeto intelectual e o que se faz em outras áreas na mesma época].^{xxi}

Vejamos que interessante forma de “colocar a obra no seu tempo”. Pela proposta de Carl Schorske, podemos imaginar uma espécie de “T” onde o objeto que desejamos analisar encontra-se no ponto de contato entre as duas linhas formadoras da figura, a vertical e a horizontal. Imaginando a

linha vertical como a que simboliza o passar do tempo e a horizontal como os outros objetos intelectuais produzidos em uma margem cronológica próxima ao principal objeto analisado (essa margem só quem poderá delimitar será o próprio pesquisador, a partir do que pensar ser coerente considerar sincrônico), além de permanente atenção às relações com o contexto, podemos de certa forma vislumbrar melhor a História Intelectual em prática.

A proposta então seria entender a História Intelectual como a vertente que tem como característica principal colocar determinados objetos intelectuais – nas mais diferentes formas que possam existir – de volta ao seu tempo, analisando para isso duas frentes: 1) todo um “mesmo ramo de atividade cultural” desenvolvida anteriormente à produção que estudamos (linha vertical, diacrônica) e 2) as obras dos mais diversos ramos, produzidas em uma margem de tempo próxima e que acreditamos terem conexão com o nosso objeto, além de, juntamente a isso, notar as ligações da produção

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELECTUAL: DIFICULDADES, PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES, DIONATHAS MORENO BOENAVIDES

intelectual com a história em forma mais “concreta” (linha horizontal, sincrônica).

Devemos nos atentar, não obstante, a dois fatores importantes que não aparecem nessas linhas de Carl Schorske. Primeiramente, é evidente que não é porque Schorske não fala em análise sincrônica sobre produções do mesmo ramo cultural, ou em estudos diacrônicos com obras de ramos diferentes (embora essa análise pareça demasiadamente complexa, uma espécie de linha transversal), que não possamos proceder dessa forma. Pensamos serem igualmente válidos estudos que se proponham a isso. Em segundo lugar, é importante que fique claro que uma definição nesses termos para a História Intelectual só se torna possível por não inferir nenhuma metodologia em especial para proceder com as análises propostas, nem sugerir conceitos muito duros com os quais o historiador não possa jogar.^{xxii}

Mesmo com essas ressalvas, acreditamos que as reflexões apontadas e as propostas feitas, por mais simples que tenham sido, contribuem de alguma forma para aqueles que se

aventuram pela primeira vez com a História Intelectual. Nosso objetivo era evocar os problemas com os quais tivemos e ainda temos que lidar na nossa trajetória. Entrar em contato com textos que demonstram essas mesmas dificuldades tem algo de positivo por nos mostrar que essas dificuldades são inerentes ao campo historiográfico, não se resumindo a dificuldades particulares.

A História Intelectual, dada essa incerteza conceitual que a caracteriza, pode ser assumida de inúmeras formas. O que podemos ter como certo é que a forma escolhida nunca será consensual. Daí vem a importância de cercarmos bem a nossa escolha com um forte aparato teórico. Um dos papéis da teoria é justamente o de possibilitar a segurança de que, ao trabalhar com a área da história que escolhemos, podemos gerar bons frutos em forma de produção de conhecimento histórico.

REFERÊNCIAS

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELECTUAL: DIFICULDADES,
PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES, DIONATHAS MORENO BOENAVIDES

ALTAMARIANO, C. Idéias para um programa de História Intelectual. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, 2007.

BACZKO, Bronislaw. *Los imaginarios sociales*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.

BURCKHARDT, Jacob. **A Cultura do Renascimento na Itália: um ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BURKE, P. **O que é História Cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CHARTIER, R. Intelectual (História). In: BURGUIÉRE, A. (org.). **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 446-447.

CHARTIER, R. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHARTIER, R. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, L. (org.). **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

DARNTON, R. **O Beijo de Lamourette**. SP: Companhia das Letras, 2010.

ESPIG, M. J. Ideologia, mentalidades e imaginário: cruzamentos e aproximações teóricas. **Anos 90**. Porto Alegre, n. 10, 2008.

FRANCO JÚNIOR, H. O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu. Reflexões sobre mentalidade e imaginário. **Signum**, Revista da ABREM, n. 5, 2003.

GEERTZ, C. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

PASQUALE, M. A di. *De la historia de las ideas a la nueva historia intelectual: Retrospectivas y perspectivas. Um mapeo de la cuestión*. **Revista UNIVERSUM**, n. 26, v. 1, 2011.

GINZBURG, C. **Relações de força: História, retórica, prova**. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

SCHORSKE, Carl. *Fin-de-siècle Vienna. Politics and Culture*. New York: Cambridge University Press, 1979.

SILVA, M. C. A Idade Média e a Nova História Política, **Signum**, revista da ABREM, vol. 14, n.1, 2013. Pp. 92-102.

NOTAS

PRIMEIROS CONTATOS COM A HISTÓRIA INTELECTUAL: DIFICULDADES, PROBLEMÁTICAS, POSSIBILIDADES, DIONATHAS MORENO BOENAVIDES

- ⁱ Ver, por exemplo, SILVA, M. C. A Idade Média e a Nova História Política, *Signum*, revista da ABREM, vol. 14, n.1, 2013. Pp. 92-102. Disponível online em: <http://www.abrem.org.br/revistasignum/index.php/revistasignumn11/article/view/96/98>. Acesso no dia: 12 de abril de 2014. Nesse artigo, o professor Marcelo Cândido discute os novos enfoques historiográficos a respeito da História Política, vinculando-os à Alta Idade Média.
- ⁱⁱ Ver, como exemplos de valorização dessa indefinição, BACZKO, Bronislaw. *Los imaginarios sociales*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991 e ALTAMARIANO, C. Idéias para um programa de História Intelectual. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 19, n. 1, 2007.
- ⁱⁱⁱ ALTAMARIANO, C. Idéias para um programa... *op. cit.* p. 9.
- ^{iv} PASQUALE, M. A di. *De la historia de las ideas a la nueva historia intelectual: Retrospectivas y perspectivas. Um mapeo de la cuestión*. *Revista UNIVERSUM*, n. 26, v. 1, 2011, p. 80.
- ^v Cf. DARNTON, R. *O Beijo de Lamourette*. SP: Companhia das Letras, 2010.
- ^{vi} CHARTIER, R. Intelectual (História). In: BURGUIÉRE, A. (org.). *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993, p. 446-447.
- ^{vii} Para uma introdução às discussões acerca da História das mentalidades, ver ESPIG, M. J. Ideologia, mentalidades e imaginário: cruzamentos e aproximações teóricas. *Anos 90*. Porto Alegre, n. 10, 2008 e FRANCO JÚNIOR, H. O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu. Reflexões sobre mentalidade e imaginário. *Signum*, Revista da ABREM, n. 5, 2003.
- ^{viii} DARNTON, R. *O beijo*... *op. cit.* p. 219.
- ^{ix} GEERTZ, C. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001, pp. 86-130.
- ^x BURKE, P. *O que é História Cultural?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- ^{xi} GINZBURG, C. *Relações de força: História, retórica, prova*. São Paulo: Companhia das letras, 2002.
- ^{xii} *Ibidem*, pp. 80-99.

- ^{xiii} Sobre a relação entre “monumento” e “documento”, ver LE GOFF, J. “Documento/Monumento”. In: IDEM. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- ^{xiv} ALTAMARIANO, C. Idéias para um programa... *op. cit.* p. 14.
- ^{xv} PASQUALE, M. A di. *De la historia de las ideas*... p. 90.
- ^{xvi} Ver, para explicações introdutórias de alguns desses conceitos, CHARTIER, R. História intelectual e História das mentalidades. In: IDEM. *À Beira da Falésia: A História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. O texto também é encontrado em *Idem. A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. Todavia, para os fins deste trabalho, todas as referências estarão de acordo com a paginação do *À Beira da Falésia*.
- ^{xvii} BURCKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália: um ensaio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ^{xviii} CHARTIER, R. *À Beira da Falésia*... *op. cit.* p. 29.
- ^{xix} *Ibidem*, p. 29.
- ^{xx} Para apenas um exemplo dentro de uma grande gama de possibilidades, ver CHARTIER, R. Textos, impressão, leituras. In: HUNT, L. (org.). *A Nova História Cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- ^{xxi} SCHORSKE, Carl. *Fin-de-siècle Vienna. Politics and Culture*. New York: Cambridge University Press, 1979, pp. XXI-XXII. Há uma tradução brasileira: *Idem. Viena Fin-de-siècle – Política e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- ^{xxii} Sobre essa segunda ressalva, Chartier escreve algumas linhas em CHARTIER, R. *À Beira da Falésia*... *op. cit.* p. 56.

Recebido em: 07/04/2017.

Aprovado em: 05/06/2017.

Publicado em: 28/08/2017.